



Bruno Ottoni

Especialista sênior da FGV
Projetos. Professor da Uerj



O envelhecimento populacional e a taxa de desemprego

Envelhecimento reduz a taxa de participação e ajuda a explicar parte da queda recente do desemprego no Brasil

O Brasil ainda é um país jovem, mas envelhece rapidamente. Como discutimos em artigo publicado aqui na revista *Conjuntura Econômica* em setembro de 2025 (<https://go.fgv.br/CLbKyk5lzG2>), as projeções do IBGE mostram que a população brasileira deve crescer lentamente nos próximos anos, até se estabilizar e depois começar a diminuir. Nesse período, a proporção de idosos aumentará de forma acelerada em relação às demais faixas etárias — fenômeno conhecido como inversão da pirâmide demográfica. A queda da natalidade e o aumento da expectativa de vida serão os principais motores desse processo.

O envelhecimento populacional tem efeitos diretos sobre o mercado de trabalho. À medida que cresce o número de pessoas aposentadas e diminui a entrada de jovens, a proporção de pessoas na força de trabalho encolhe. Isso significa que há uma

diminuição da taxa de participação, isto é, da proporção de pessoas em idade ativa que estão trabalhando ou procurando trabalho. Com uma menor proporção de indivíduos participando do mercado de trabalho, a taxa de desemprego tende a cair.

De acordo com a PNAD Contínua Trimestral (IBGE), no segundo trimestre de 2025 a taxa de desemprego atingiu 5,8%, o menor valor da série histórica. No mesmo período, a taxa de participação manteve-se em torno de 62,4%, abaixo do nível observado em outros momentos de aquecimento do mercado de trabalho. Esse movimento está intimamente ligado à mudança na composição etária: entre 2012 e 2025, a parcela de jovens de 15 a 29 anos na população caiu de 36,1% para 28,5%, enquanto a proporção de idosos (65 anos ou mais) subiu de 9,8% para 14,1%. A figura 1 ilustra essas tendências, mostrando simultaneamente a trajetória da taxa de desemprego e a substituição gradual da população jovem pela idosa ao longo do período.

Para quantificar o efeito do envelhecimento populacional sobre a taxa

de desemprego, realizamos uma simulação fixando a estrutura etária da população no nível observado no início da série, em 2012. A ideia é simples: estimar qual seria a taxa de desemprego caso o Brasil não estivesse envelhecendo. Os resultados indicam que, no segundo trimestre de 2025, a taxa simulada seria de 7,8%, ou seja, 2,1 pontos percentuais acima da taxa real. A figura 2 apresenta os resultados dessa simulação, evidenciando um descolamento crescente entre a taxa observada e a contrafactual — reflexo direto da redução da taxa de participação provocada pelo envelhecimento populacional.

Logo, embora o mercado de trabalho continue apresentando sinais de aquecimento, é importante interpretar os indicadores com cautela. Parte da melhora recente reflete o envelhecimento da população e não necessariamente um aumento do dinamismo econômico. Com menos jovens ingressando e mais idosos deixando de participar, a força de trabalho se estreita, reduzindo o desemprego, mas mascarando a real situação do mercado de trabalho. Além disso, o avanço tecnológico e a automação trazem um desafio adicional: uma força de trabalho mais envelhecida tende a enfrentar mais dificuldades de adaptação e requalificação, o que pode limitar a mobilidade e a produtividade no longo prazo.

Em resumo, o Brasil passa por um rápido processo de transição demográfica que já afeta o funcionamento do mercado de trabalho. Se a estrutura etária tivesse permanecido estável, a taxa de desemprego seria mais alta. O

Figura 1: Evolução da taxa de desemprego (eixo principal) e da proporção da população por faixa etária (eixo secundário) entre 2012 e 2025

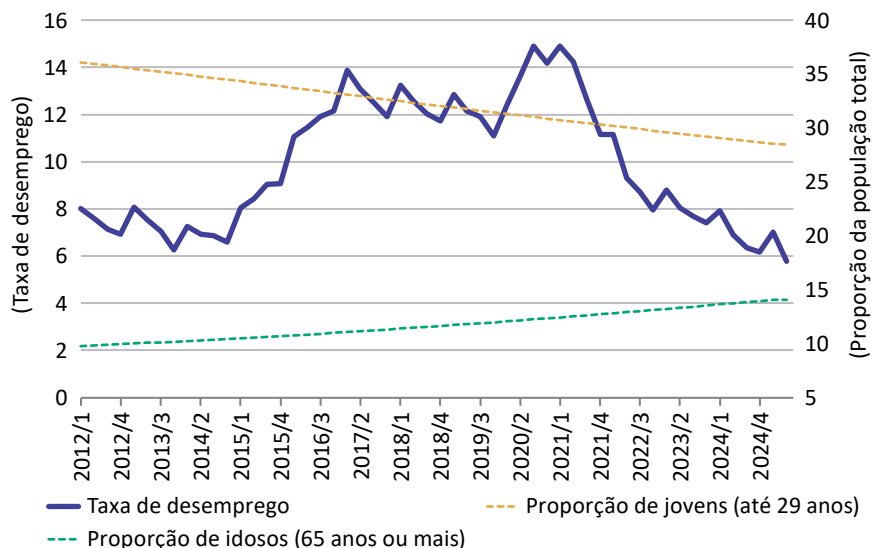
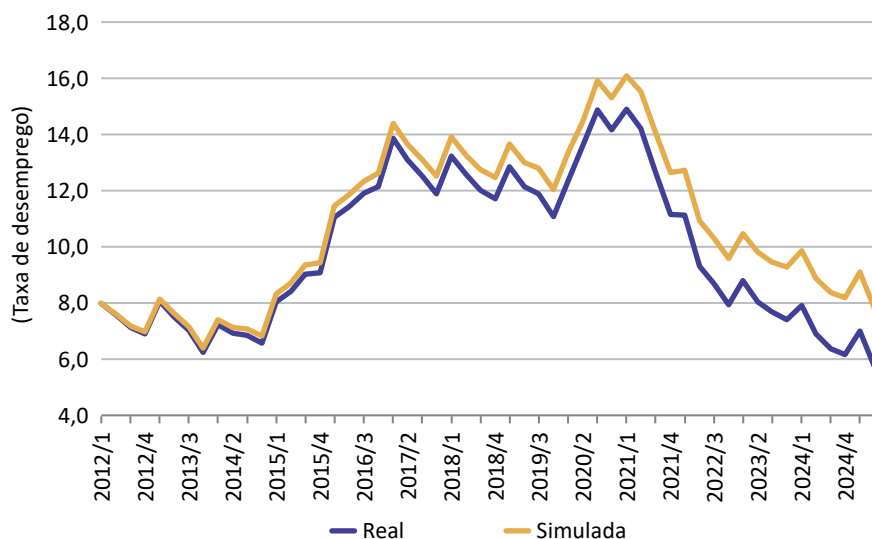


Figura 2: Evolução da taxa de desemprego real e simulada entre 2012 e 2025



Fonte: PNAD Contínua Trimestral (IBGE). Elaboração própria.

envelhecimento não apenas pressiona os sistemas de saúde e previdência, mas também altera a leitura dos indicadores do mercado, reduzindo a taxa de participação e, consequentemente, a taxa de desemprego. O desafio para os próximos anos será desenvolver po-

líticas capazes de lidar com uma força de trabalho menor e mais envelhecida — sem que isso comprometa a produtividade e a inclusão laboral. ■

Bruno Ottoni escreve a cada bimestre.